Ano XXII — Lisboa, Março de 1966 — N.º 251

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 — Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3

Escotismo ecuménico e Ecumenismo escoteiro

O século em que alguns de nós nascemos foi chamado «Século das Luzes» pela sua geração, inebriada com os descobrimentos e invenções que enobreceram principalmente os últimos quartéis dele. Só um certo sabichão, que eu saiba, lhe chamou «estúpido», em afirmação mais que estulta, como se poderá provar com facilidade. O tempo não pode ser estúpido ou sábio, porque é um simples vazio que nós enchemos, com maior ou menor sensatez.

Se aceitamos a designação como metonímia, ainda se poderá replicar que em todos os séculos há de tudo.

Das luzes foi o século XIX se, como se prova fàcilmente, nele se iluminaram muitos escaninhos da mente humana. No final dele, um general britânico, Baden-Powell, na campanha dos Matabeles, começou a imaginar um movimento juvenil que se tornaria notável nos arraiais da educação integral, e teve suas primeiras experiências em

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Mafeking, vindo a ser oficialmente instalado em 1908, já, portanto, neste século, que eu proponho se chame «das Vozes».

Século das Vozes! As vozes que concretizam e espalham as luzes, nos «meios maciços de informação e repouso, constituídos pela grande imprensa, pelo cinema, rádio, televisão, publicidade, a canção, literatura popular, etc.», segundo a linguagem oficiosa do «Centro de Estudos das Comunicações em Massa».

Lembremos nós ainda os telefonemas e telefotos, e os meios electrónicos de tradução plural nas grandes assembleias.

O centro de que vos falo acrescenta um segundo item ao conteúdo desses meios de informação: «ideias, valores, sentimentos, temas, que formam talvez uma nova cultura, em vias de nascer»; e um terceiro, um quarto e um quinto itens: «as novas linguagens, os escritos sonoros e visuais, elaborados por esta cultura; os efeitos destes fenómenos sobre o público, a sua função geral na civilização». Resumo: vozes! Vozes que o mal aproveita e o bem terá de combater com vozes; pois a repressão nunca será completa nem perfeitamente eficaz.

Agora mesmo se anunciam aulas de novas disciplinas profissionais, entre elas a de publicidade. Eis uma nova profissão, arte que sai das faixas da infância tradicional, poèticamente desordenada, como é próprio da infância, e a caminho de maturidade crescente, em que as vozes não serão já vagidos nem gritos de acaso.

Foram vozes cientificadas, politizadas, tecniquizadas, que tornaram mundial o escotismo e estão generalizando o ecumenismo dos cristãos. Das relações ideológicas desses dois movimentos vos desejo falar, pedindo licença para vos dar de ambos definições propositadamente rápidas, claras, gravativas, e assim fecundas na sua brevidade: Escotismo consiste em «andar escoteiro» e ecumenismo em «conviver em paz».

CONTINUA NA PÁGINA 4

A Reunião Nacional de Chefes marcou um ponto positivo *na vida associativa*

Felicitemos muito sinceramente a Direcção da A. E. P. pela sua decisão, a Chefia Geral pela sua realização e, afinal, todos aqueles que servem devotadamente o Escotismo pelos resultados obtidos com a realização da Reunião Nacional de Chefes.

Caminhamos de novo pela vereda certa, foi o muito que nos disse esta longa e extenuante conferência, onde se ateou de novo a fogueira do entusiasmo.

Não se tomaram grandes decisões, mas estabeleceu-se um contacto que, por tão desejado e necessário, nos pareceu precioso.

Façamos todos por manter o convívio que esta reunião iniciou e para muito já ela terá servido.

Como decorreram os trabalhos

Dia 12 (18 horas) — Os Chefes vão chegando à Sede da A. E. P. Tratam da sua inscrição e trocam-se os primeiros cumprimentos e abraços de reencontros, recordando jornadas passadas. Também há estreantes. Estes observam e confirmam o conceito de amizade sincera que sabem existir no nosso Movimento.

As horas passam depressa e chegam com facilidade às 21.30, hora para que está marcado o início da primeira sessão de trabalhos.

Entretanto, a sala vai-se enchendo e toma o ar festivo dos grandes dias.

Estão muitos Chefes do Norte e alguns do Algarve. E' pena que não estejam todos os de Lisboa. Será que alguns não tenham compreendido o significado da *reunião?*

Também se encontram alguns anti-

CONTINUA NA PÁGINA 5

Acampamento Nacional de 3 a 11 de Setembro

Conforme ficou definitivamente resolvido na Reunião Nacional de Chefes, o próximo Acampamento Nacional da A. E. P. realizar-se-á no parque da Costa de Caparica, de 3 a 11 de Setembro do corrente ano.

De entre os presentes àquela Reunião, foram já indicados alguns dirigentes que farão parte da Comissão Organizadora desta importante actividade escoteira: são eles os E. C. Quintino Pinheiro, Pena Ribeiro, Mariano Garcia, Eduardo Xavier e José Ferreira.

EXEMPLOS ESCOTEIROS

Talvez o nosso bom companheiro Ernesto Clímaco, não saiba . . .

A mania de coleccionar selos não é muito antiga, visto que os selos também não são muito antigos. O primeiro coleccionador que se conhece, foi o dr. Gray, funcionário do Museu Britânico, que começou a juntá-los logo que eles apareceram. Mais tarde, no diário «The Times», publicou um anúncio a pedir que lhe enviassem selos, acto em que foi imitado por outros indivíduos. Assim se começaram a fazer extraordinárias colecções, especialmente entre crianças, e apareceram as primeiras casas para venda de selos, começando-se a editar catálogos e a valorizar os selos raros.

Em pouco mais que um século, pois os primeiros selos datam de 1841, já existem colecções que valem enormes fortunas.

Aqui oferecemos este apontamento ao nosso velho companheiro Ernesto Clímaco e à Secção Filatélica da F. A. E. P.

Como nasceu o vidro inestilhaçável

Um cientista francês quebrou acidentalmente uma garrafa que havia contido colódio. Surpreso, observou que a garrafa, embora apresentasse inúmeras fendas, mantinha a forma primitiva.

Depois de um ligeiro estudo, verificou qua o colódio, ao evaporar-se, deixava uma espécie de pele que aderia ao vidro, o que fez com que a garrafa, embora quebrada, não se estilhaçasse.

Sabendo que muitos ferimentos se registavam anualmente pela quebra de vidros, nomeadamente dos pára-brisas dos automóveis quando em acidentes, pensou na sua ocasional descoberta e na possibilidade de, com ela, contribuir para evitar esses ferimentos.

Este exemplo é digno de ser conhecido por todos os escoteiros, porque assim se contribuiu para evitar derramamento de sangue entre os ocupantes de automóveis em caso de acidente.

Como apareceu a bússola

Dizem que Marco Polo, cidadão de Veneza, tendo viajado para a China, trouxe dali a bússola, no ano de 1260. Os Chineses pretendem que um dos seus imperadores, de nome, mais ou menos, Chimingus, houvera tido o conhecimento da bússola desde o ano 1120 antes da era cristã. Outros autores pensam que a invenção da bússola é devida a Giovanni Gira ou Goia, chamado também por alguns — Flávio de Melphe, ou Flávio Gioja, cidadão de Nápoles, que fez a descoberta em 1302.

O que, porém, há de certo é que o primeiro uso da bússola, e que está bem provado, foi feito por um monge de Oxford, na Inglaterra, no reinado de Eduardo III, da dinastia dos Plantegenetas, e que reinou desde 24 de Janeiro de 1327 até 21 de Junho de 1377, data da sua morte.

Ora, quanto a nós, escoteiros, embora gostássemos de saber ao certo o seu verdadeiro inventor, temos a bússola como maravilhosa invenção, para nos guiar pelo melhor caminho que a lei do escoteiro nos ensina e isso é quanto basta.

Vamos fazer um filtro?

Arranje um vaso de flores, de barro, limpe-o muito bem e tape-lhe o orifício do fundo com um bocado de esponja, bem lavada e desinfectada; depois partem-se alguns bocados de carvão de ma-

SEGUE NA PÁGINA 5



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Mudança de chefia do Grupo n.º 8

Depois de 11 anos de dedicada chefia do Grupo n.º 8, na Rua Febo Moniz, anexo à Igreja Presbiteriana, pediu a sua demissão o Escoteiro-Chefe Idílio Custódio Gonçalves, demissão que só foi aceite pela direcção daquele Grupo depois de sua insistência.

A Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal, ao aceitar a demissão que lhe foi proposta, louvou os serviços prestados pelo Chefe Gonçalves, a quem galardoou com a Medalha de Dedicação e Bons Serviços, classe ouro.

Por proposta da Direcção do Grupo n.º 8, foi nomeado Chefe daquela unidade o seu actual subchefe, sr. João Constantino, jovem já com serviços prestados ao Escotismo e de cuja dedicação muito há a esperar.

Sempre Pronto felicita o Chefe Idílio Gonçalves pelo justo apreço da Direcção da A. E. P. e deseja os maiores êxitos ao novo Chefe João Constantino.

Novo Grupo

Vai ser constituído o primeiro grupo de escoteiros do Ramo de Extensão: trata-se de um grupo para rapazes cegos, que terá a sua sede no Instituto de Branco Rodrigues.

Esta unidade recebeu o n.º 21 e a sua filiação na nossa Associação é feita a pedido da Provedoria da Santa Casa da Misericórdia.

Assinantes patrocinadores

A iniciativa de criar a categoria de *Assinante Patrocinador* foi muito f-liz. Não nos referimos apenas — embora isso seja muito importante — ao valioso auxílio que traz às difíceis finanças do nosso jornal. Mas, para além disso, o facto de regularmente chegarem até nós adesões de dedicados amigos, constitui um estímulo extraordinário para todos aqueles que aqui trabalham. Só quem já se dedicou alguma vez a uma tarefa ingrata, com sacrifício das suas horas de ócio, pode fazer ideia da satisfação que representa o apoio que tal patrocínio significa.

Temos a certeza de que muitos outros amigos farão a sua inscrição como patrocinadores se directamente nos dirigirmos a solicitar o seu auxílio. Mas para nós tem o maior significado a espontaneidade das adesões que mês a mês nos chegam.

No entanto, devemos afirmar que só pelo alargamento desta modalidade — a assinatura de patrocínio de um mínimo de Esc. 30$00 por ano, em substituição da assinatura ordinária — nos permitirá a publicação regular do jornal, já que os encargos têm subido constantemente.

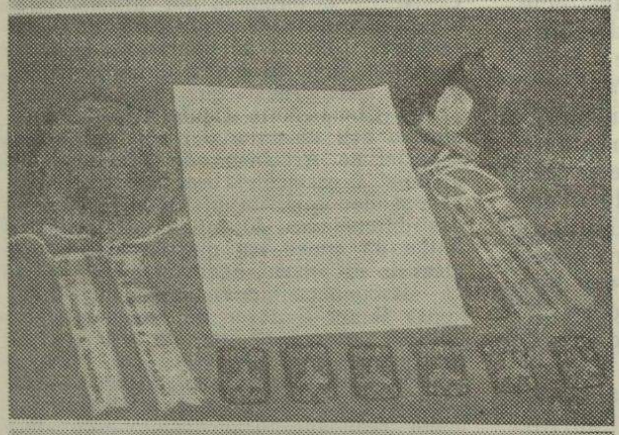
Este mês, registámos mais as adesões dos seguintes nossos dedicados amigos, srs. Vítor Manuel Gomes Simões, antigo escoteiro do Grupo de Olhão, que em 1954 fez parte da nossa Delegação ao Brasil; Luís Alves Miguel, antigo escoteiro do Grupo 2 e prestigioso desportista náutico; e Justino Estêvão da Silva, secretário-geral adjunto da A. E. P.

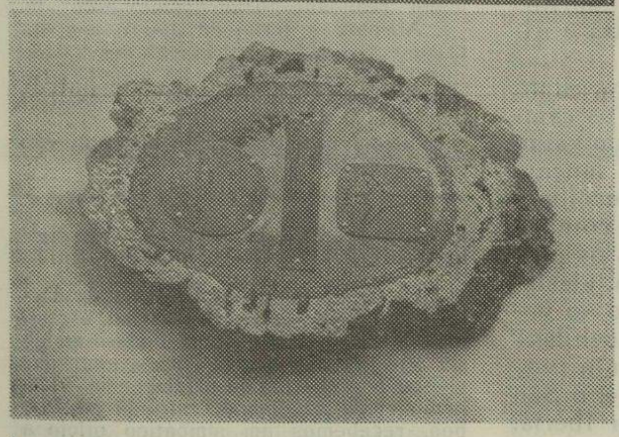
Também o nosso grande amigo sr. prof. dr. João Faria Lapa, prestigioso antigo escoteiro do Grupo n.º 3, do Liceu Pedro Nunes, uma unidade a que pertenceram tantos escoteiros dos que mais têm honrado os Escoteiros de Portugal, nos enviou, novamente e por intermédio do nosso colaborador sr. Luís Simões Aurélio, 100$00 para a sua assinatura deste ano, oferta generosa que muito nos sensibilizou.

A todos estes nossos companheiros amigos enviamos um abraço de agradecimento.

CONCURSO "PATRULHAS PILOTO-66"







Tendo em vista estimular a actividade dos escoteiros de todo o País, a Chefia Geral vai iniciar o concurso «Patrulhas Piloto-66», muito semelhante, segundo nos parece, ao que se realizou em 1964 e que teve o seu epílogo ainda no decorrer do Acampamento Nacional daquele ano.

As gravuras que aqui reproduzimos representam os prémios e diplomas atribuídos às patrulhas do Concurso «Patrulhas Piloto-64», o que atesta o interesse que a Chefia Geral dedica àquela competição escotista.

A gravura de cima mostra-nos o interessante trofeu com que foi galardoada a patrulha mais bem classificada no «tema A — Campismo e Pioneirismo» que foi a patrulha Andorinha do Grupo n.º 52, de Angra do Heroísmo (Açores).

A gravura do meio apresenta os trofeus, insígnias e diplomas que constituiram algum dos prémios do concurso.

A última gravura dá-nos a conhecer o trofeu conquistado pela patrulha Á'guia do Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, por ter sido a primeira classificada no «tema B — Desporto e Atletismo».

Tanto no tema A como no tema B, classificou-se em 2.º lugar a patrulha Lobo do Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António.

Ao «tema C — Artes Cénicas e Musicais», não houve concorrentes.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

FALECIMENTO — Em 1 do corrente, faleceu em Viseu, cidade de sua naturalidade, o nosso antigo e dedicado assinante sr. Á'lvaro Loureiro, de 77 anos de idade. O falecido era um notável artista entalhador, foi mestre da Escola Industrial de Viseu, tendo deixado uma importante obra de talha espalhada pelo país. A sua viúva, a sr.ª D. Delmira dos Santos Malho de Loureiro, e a seu filho, o sr. dr. Rui de Malho Loureiro, professor do Liceu D. João de Castro, endereçamos as nossas sentidas condolências.

VIII CONGRESSO DA JUVENTUDE

Realizou-se de 19 a 22 de Fevereiro p. p., em Lisboa, o VIII Congresso da Juventude, promovido pela Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal.

Durante as diversas sessões, foram apresentados vários trabalhos e comunicações, que mereceram uma ampla discussão por parte da juventude presente.

Agradecemos o convite que nos foi endereçado.

Práticas Pedagógicas

Com a devida vénia, transcrevemos de «TV Dia a Dia», publicado no «Diário de Lisboa» do dia 1 deste mês, esta judiciosa referência ao programa da R. T. P. Escolar «Práticas Pedagógicas», dirigido pelo prof. Baptista Martins, por abordar um assunto que merece realmente uns momentos de meditação.

Diz-se no «Diário de Lisboa»:

A palestra de ontem versou um tema de muito interesse: o trabalho excessivo que pesa sobre os ombros juvenis. Começou o dr. Baptista Martins por definir os objectivos da civilização — e perguntou se afinal a civilização, criada pelo homem, não viria destruir a obra do próprio homem, destruindo todo o encanto e disponibilidade infantis.

E acrescentou:

«Aquilo que se pede às crianças, aos adolescentes e aos jovens durante a sua vida escolar, encontra-se, muitas vezes, para além daquilo que é legítimo exigir. Ao tempo de aulas diário, acresce a necessidade de estudar em casa, a realização de inúmeras tarefas e muitas vezes ainda — quase geralmente, se pode dizer, infelizmente — o trabalho a efectuar no explicador. Este explicador que há anos, ainda não há muitos anos, era uma entidade que só servia em certas emergências ocasionais, ou como uma indicação do luxo do próprio aluno, outras vezes ainda, e nesse caso escondia-se o facto, quando o aluno se mostrava incapaz de uma aprendizagem regular.

«Hoje, porém, encontra-se de tal modo generalizado o recurso ao explicador, que quase poderíamos dizer que a grande maioria das nossas crianças no ensino secundário e até no primário, são deficientes mentais...

«Alguma coisa, para não dizer muita coisa, está errada aqui...»

A tarefa seguinte foi enumerar algumas dessas «coisas erradas»: sobrecarga dos programas escolares; sobrecarga dos efectivos escolares (e daqui, naturalmente, a dificuldade de se prestar à criança toda a atenção que ela merece); o enfraquecimento da autoridade paterna, o que leva a uma situação de insegurança, de instabilidade.

Claro que ainda não estamos perante a causa, mas sim perante alguns sintomas dela. Conviria alargar o tema da discussão. Criança é assunto que interessa a toda a gente.

Efectivamente, este assunto envolve problemas de grande actualidade, alguns deles enumerados no comentário que acompanha as afirmações do prof. Baptista Martins.

Cientes da importância da questão, lembramos uma outra faceta do problema que também merece ser tida em consideração: a sobrecarga de despesas que a existência de explicador traz para as, na sua maioria debiliadas, finanças dos encarregados da educação, demais a mais nestes tempos em que as dificuldades não cessam de aumentar.

Quando o meu amigo está infeliz, eu vou procurá-lo; quando está feliz, espero-o. Os sofrimentos unem mil vezes melhor que as alegrias.

LAMARTINE

Escotismo ecuménico e Ecumenismo escoteiro

Seguimento da pág. 1

Deixai-me gozar o vosso espanto ao ouvirdes estas inusitadas definições. Para a primeira — que me perdoem os *manes* de Agostinho de Campos, de quem discordo — mas prefiro a forma contrária à que ele fez adoptar. Se há no escotismo uma atitude de escuta ou esculca, ele é principalmente uma actividade «escoteira», conforme ao velho vernáculo. Pelo amor da Natureza e o regresso possível a ela, nos acampamentos e marchas, o escoteiro viaja com o mínimo de bagagem, como o escoteiro de há séculos, aliviado de mochila e de alforges, pronto a explorar rincões desconhecidos. Pelo amor da pureza; da verdade; da terra natal e suas tradições vivas; do bem comum; da disciplina e do estudo; e do seu Criador, ele se desembaraça da bagagem de má moral, de complicações hipócritas, de paixões corruptoras, do ridículo social, da comercialização das virtudes, de atitudes «snobs» ou pedantes.

Este é o escotismo que amo e de que vos falo. Ele tem sido pré-ecumenista porque vai ao ponto de promover a camaradagem da estrela de David, do crescente do Islão e da Cruz de Cristo: encontro fraternal, com o respeito mútuo pela sinceridade alheia, que desse encontro deve derivar.

Pois bem: o ecumenismo moderno teve origem prática no movimento missionário, fatalmente sectário, onde as rivalidades surgem com maior escândalo, e consiste numa atitude recentemente tomada por muitas Igrejas cristãs no descobrimento da unidade transcendendo as diferenças de credo, de ritual e de orgânica eclesiástica. Esforça-se por dar expressão a essa aproximação desejada, por meio do confronto amigável e da cooperação no imediatamente possível.

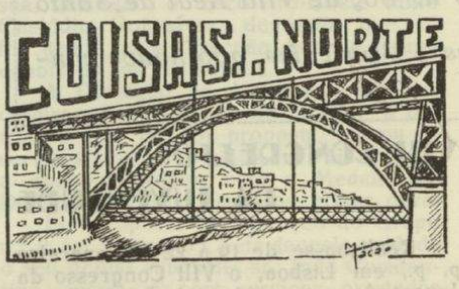
Em Edimburgo, em 1910, trataram-se em comum de questões missionárias, seguindo-se desde 1925 outros congressos, de «Vida e Acção» e de «Fé e Ordem», em Estocolmo, Lausana, Jerusalém, Oxónia, Madrasta, Utreque, Amesterdão, Lunde, Evanstónia, Gana, Nova Délia, portanto nos quatro maiores continentes. Estava demonstrado, em nove séculos de separação de Igrejas, entre Oriente e Ocidente, e em quatro séculos e meio de desentendimento no Ocidente, que a autoridade imposta, por métodos humanos, nunca unirá os homens, e que, por outro lado, ao invocar-se a liberdade individual, com a preocupação separatista, ou farisaica, em nome da pureza, vista por particular exegese, oferece o espectáculo lamentável da divisão, com suas consequências fragmentadoras, que traem o ideal da fraternidade.

Dobaram-se os tempos, e há 34 anos chamou a si o bom Abade Couturier a iniciativa do «Oitavário» de súplicas pela unidade fraterna. E conseguiu-se o que se não havia conseguido até então. Seguem-se as visitas de chefes eclesiásticos a Roma, a bondade comunicativa de João XXIII e a visão equilibrada e viril de Paulo VI, ambos sabendo o que querem; o Concílio do Vaticano II; o encontro de ortodoxos, latinos e protestantes em Jerusalém, e até a simpatia expressa por muçulmanos e judeus, o que tudo vem dar expressão ao diálogo das almas. E nós, como portugueses, somos convidados a recordar com saudade os de algum modo precursores do ecumenismo, tais como Cardeal Saraiva, Bispo de Viseu Alves Martins e Padres António de Oliveira e Alves Correia.

Ora tudo isto não nos estará dizendo que há, em todos os campos, cristãos «escoteiros», no velho sentido de viandantes que lançam para fora da alma (ou recolhem aos museus da História) a complicada bagagem que atarda os passos, impede a visão clara, afasta-nos uns dos outros devido ao volume dos alforges e das mochilas?

Como poderia esse santo português que foi João Cidade, o São João de Deus, calcorrear a Ibéria, tratando, curando e consolando, se se acompanhasse de muita bagagem? Não é com artilharia pesada que se ganham as batalhas do espírito!

EDUARDO MOREIRA



Boletim Raposa

Foi publicado o segundo número deste Boletim, órgão informativo do Grupo n.º 44 dos Escoteiros de Portugal, de Vila Nova de Gaia. Apresenta-se com o mesmo entusiasmo, pelo que confiamos numa publicação regular e cada vez mais eficiente e progressiva.

O Comandante Daniel Rocheta tomou posse do cargo de Chefe Nacional Adjunto do C. N. E.

Em cerimónia que se realizou em 26 de Fevereiro passado, na sede central do Corpo Nacional de Escutas, tomou posse o novo Chefe Nacional Adjunto do C. N. E. sr. Comandante Daniel Rocheta.

Deu as boas-vindas ao novo chefe nacional adjunto, o sr. D. Paulo de Lencastre, que falou em nome de seu pai, D. José de Lencastre, que é o chefe nacional daquele organismo de juventude, impossibilitado de comparecer à cerimónia.

O sr. D. Paulo de Lencastre fez longa análise do que tem sido a actividade do C. N. E. e terminou por afirmar que aquela hora era de júbilo para todos os escutas: estavam ali concentrados para saudarem o novo chefe e oferecer-lhe toda a colaboração que deles precisar.

O Comandante Daniel Rocheta iniciou o seu discurso por uma saudação especial ao Arcebispo de Braga. Dirigindo-se à assembleia escutista, que também saudou com vibrantes palavras, disse das dificuldades do lugar que aceitava. Falou da época em que vivemos e do ideal do escotismo, acentuando:

«Reconheço que na minha juventude muito fiquei a dever ao Movimento. E porque assim é, aceitei, de bom grado, este lugar».

Disse confiar na colaboração leal de todos, tão preciosa para dar ainda maior realidade ao movimento escotista.

Afirmou a terminar que o espírito cristão e a vida dedicada ao serviço da Pátria devem ser realidades sempre presentes nos actos dos elementos do Corpo Nacional de Escutas.

Seguiu-se a tradicional apresentação de cumprimentos.

O aniversário de "Sempre Pronto"

Da Zona Scout de Valência da Delegação Diocesana de Escultismo, e assinado pelo Chefe da Zona o nosso amigo sr. Vicente Tarazona Tomás, que nos visitou por ocasião da Conferência Internacional de Escotismo realizada em Lisboa, recebemos um simpático ofício a felicitar-nos pelo 21.º aniversário de «Sempre Pronto» e fazendo votos para que «por muitos anos possam continuar a receber a revista, veículo da fraternidade escoteira entre os nossos dois países».

Agradecemos as boas palavras dos nossos irmãos de Valência.

Um novo redactor de «Sempre Pronto»

Prosseguindo no plano de rejuvenescer os quadros redactoriais do nosso jornal, convidámos o Escoteiro-Chefe Idílio Custódio Gonçalves para ingressar na Redacção do nosso jornal, convite que foi aceite, pelo que «S. P.» passa a contar com um novo colaborador, de cuja dedicação e competência, especialmente em assuntos escoteiros, muito há a esperar.

Todos os membros da equipa de «Sempre Pronto» lhe apresentam as boas-vindas.

A Reunião Nacional de Chefes

Seguimento da página 1

gos escoteiros. A causa continua a interessar-lhes. Estão igualmente presentes o Director e Subdirector do nosso Jornal.

Vão principiar os trabalhos. Na mesa da presidência o sr. Manuel Peixoto, Secretário das Relações Internacionais, dá a sua direita ao Chefe Geral Adjunto eng.º Nobre Santos, ao Director de «Sempre Pronto», ao Chefe Vidal dos Santos, do Núcleo do Porto, e Chefe Manuel Pereira, do Núcleo de Sotavento do Algarve; à esquerda, estão os srs. Albano da Silva, Secretário Geral da A. E. P., Chefe Madeira Leitão, do Núcleo de Lisboa, e os secretários da Reunião.

Aberta a sessão e depois da leitura de uma breve oração pelo Chefe Justino da Silva, que foi acompanhado em coro por todos os presentes, e da recitação da Lei, o Chefe Albano da Siva leu uma mensagem do Escoteiro-Chefe Geral.

Propõe-se depois o envio de telegramas ao Presidente da A. E. P. e ao Escoteiro-Chefe Geral.

O Chefe Nobre Santos toma, então, a orientação dos trabalhos e, depois de breves palavras, pediu aos chefes dos Núcleos para darem a conhecer os relatórios das actividades nas suas zonas.

Aqueles dirigentes deram, pois, a conhecer o que foi a actividade de cada um dos seus Núcleos, desde que se encontram constituídos, tecendo a propósito alguns comentários.

Seguidamente, o Chefe Nobre Santos fez o relato da actividade desenvolvida pela própria Chefia Geral e, ainda, pela Escola de Chefes e S. M. U., cedendo a palavra, para complemento de informações sobre o Campo-Escola e S. M. U., aos Chefes Eduardo Xavier e Ernesto Clímaco.

Usaram, em seguida, da palavra, para diversos comentários ou considerações, os chefes Luís de Matos, Armando Inácio, Eduardo Xavier, o Director do «S. P.» e Armando Morais.

Um alarme:

A propósito de uma citação ao nosso Jornal, tomou a palavra o nosso representante Mariano Garcia, que informou os presentes ser preocupação do «Sempre Pronto» relatar o maior número possível de actividades dos escoteiros, lamentando que, nos últimos tempos, a sua missão de reportagem das actividades dos grupos da zona de Lisboa seja demasiado facilitada pela quase inexistência dessas actividades.

Referiu-se depois, com palavras repassadas de tristeza, ao carácter optimista que aquela reunião estava a tomar, lamentando que, em sua opinião, a situação actual do escotismo associativo em nada correspondesse a esse optimismo,

A intervenção de Mariano Garcia provocou certa agitação, vendo-se, depois dela, a preocupação de se dizerem e ouvirem as duras realidades que carecem de ser tomadas em consideração.

Tomaram depois a palavra José Relvas, para lamentar a triste situação do seu grupo (o n.º 10), apelidando-se a si mesmo de «um triste chefe desempregado», o chefe do grupo n.º 77, o chefe do Núcleo do Sotavento algarvio, o chefe do grupo 94, etc.

Comentando cada uma das intervenções, o Chefe Geral Adjunto procurou sempre dar certa orientação ao diálogo, que se manteve animado, mas algo improdutivo, até cerca das 0.45 h.

Dia 13 (2.ª sessão de trabalhos) — Esta de aspectos mais concretos. Trata-se de comentar o planeado concurso «Patrulhas Piloto 66», perfeitamente estruturado pela Chefia Geral. Bom de mais para o momento actual, como referiu Pena Ribeiro.

Antes das 9.30 h. já quase todos os inscritos tinham tomado assento.

Vários chefes se ocuparam do assunto com interesse, com intervenções mais frequentes de Armando Inácio, Armando Morais, José Mendes dos Santos e Pena Ribeiro.

Debate demorado, a demonstrar que se pensa na actividade a proporcionar ao rapaz.

Obtém-se o primeiro resultado prático da Reunião: o concurso é considerado indispensável para o progresso das patrulhas e excelente trabalho de preparação para o próximo Acampamento Nacional. Ponto assente. O entusiasmo cresce nos chefes e todos se propõem estimular o interesse dos seus rapazes e desejam, para o concurso, o maior êxito. Nós também.

Vem a vez do Acampamento Nacional já anunciado, em princípio, pela Chefia Geral para o ano em curso. Quem não concorda põe-se de pé. Claro que todos concordam porque um acampamento é coisa que até os chefes desejam neste momento.

E' uma questão de datas. Surgem três hipóteses distintas. Vence a que reúne mais aprovações, ou a que prejudica menos gente, o que dá na mesma.

Fica depois em definitivo: o Acampamento Nacional realizar-se-á de 3 a 11 de Setembro.

Já não há muito tempo e todo o que se perca é irrecuperável. Eduardo Xavier lembra isso e mais que pode já ficar nomeada a Comissão Organizadora.

Consultados os primeiros indigitados não houve recusas. Ainda não fica nomeada a Comissão mas já existem nomes para trabalhar. Aos que publicamos numa local em separado, juntar-se-ão outros e formar-se-á a equipa.

Agora, trabalhinho é que é preciso, como nos diria o saudoso e querido dr. Tovar de Lemos.

Fala-se depois do Curso da I. M. Todos lhe reconhecem a maior utilidade para conveniente preparação dos chefes existentes. Pensa-se na realização de um Curso da II Parte este ano. Alvitram-se algumas datas, mas reconhece-se que esta actividade será incompatível com a realização do Acampamento Nacional. Os votos vão para este e o Curso esperará mais um ano. Combinado. O assunto esfuma-se e deixa de merecer interesse, por agora.

Falamos demais e estamos atrasados. Não haverá intervalo para a 3.ª sessão. Esta inicia-se de pronto.

Vamos apreciar os resultados práticos da aplicação do novo sistema de provas de classe (II parte do P. O. R). Armando Inácio traz a lição bem estudada e começa por analisar as provas dos lobitos. O regulamento é escalpelizado em pormenor, com realidade e interesse. Fazem-se algumas alterações e esclarecem-se muitas dúvidas.

Ao Armando Inácio só lhe preocupava a parte dos lobitos. Foi pena. As provas para escoteiros foram analisadas com mais ligeireza, embora com igual interesse. Fizeram-se alterações, algumas já previstas.

Uma nota triste que não passa despercebida: Alguns chefes não têm opinião sobre o regulamento de provas, parecendo que, mesmo eles, ainda o não compreenderam ou não tiveram tempo de o olhar.

13 horas. Uma sessão ficou para trás no tempo. Mas não deixará de se fazer pois ela tem muito interesse. Vamos almoçar primeiro, depois continuaremos.

Partamos, pois, para esse opíparo almoço que o Tesoureiro da A. E. P., sr. Comandante Diogo Afonso, nos proporcionará com requintes de fidalguia.

Bem almoçados e bem dispostos, estamos de novo à mesa das reuniões pouco depois das 15 horas.

Verificam-se mais presenças. Agora temos connosco o sr. Tesoureiro Geral. Estão também Humberto Martins, Presidente da Fraternal, e alguns outros antigos.

E' posta a primeira pergunta, que pede um estudo reflectido. Será a última porque, ao cabo de três horas, o assunto ainda não estará esgotado.

Pudera! ela está na raiz de quanto nos atormenta e é a raiz de todo o trabalho a fazer com os rapazes. Não admira pois que surjam respostas de todos os lados e que as opiniões sejam as mais desencontradas, mas todas a obedecerem ao mesmo espírito são.

Ora quem é que não sabe «Porquê tão poucas classes entre os escoteiros?» Até talvez os rapazes o saibam.

Vem a propósito a citação do artigo de fundo do último número do nosso Jornal. *Mediocridade* é uma palavra que explica muita coisa. Mas «mediocridade» não liga com «Escotismo» e todos desejam lutar por este e contra aquela.

Todo este desejo está contido nas palavras brilhantes e entusiásticas do chefe José Manuel Pereira. No Movimento há almas enormes, capazes de suportarem tudo e esperarem confiadamente melhores dias. Fez-nos bem ouvi-lo, como se nos estivesse banhando com o maravilhoso sol algarvio.

Mas há ainda um recalcitrante que exige várias respostas à mesma pergunta. José Mendes teima e acaba por merecer um grande abraço sincero e fraterno pelo espírito escotista revelado. Demais, todos possuem o mesmo espírito.

Estamos algo esgotados e parece melhor guardar para mais tarde a apreciação dos restantes quesitos. Armando Inácio não perde tempo. Com clareza propõe que se realize nova Reunião Nacional de Chefes durante o próximo Acampamento Nacional. Até lá, vamos pensando nestas coisas e em muitas outras. Sobretudo, vamos pensar em praticar Escotismo.

A reunião termina assim. Todos nos sentimos algo satisfeitos. Conseguimos, pelo menos nós, criar um pouco de entusiasmo.

Oxalá consigamos transmiti-lo aos rapazes.

E' isso afinal o Escotismo.

M. G.

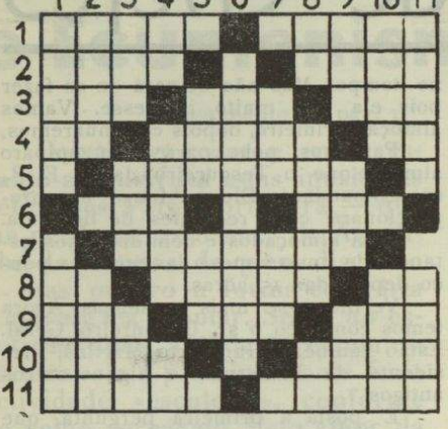
Exemplos escoteiros

Seguimento da pág. 2

deira em pequenos fragmentos, espalhando-se no fundo do vaso até atingir uma espessura de uns cinco centímetros. Coloca-se em seguida o vaso assim preparado em cima de uma bilha e deita-se-lhe a água que, filtrada desta maneira, será absolutamente pura. Mudar de 3 em 3 dias o carvão e a esponja, podendo aquele, depois de seco, ser aproveitado.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1. — Cada um dos exercícios que compõem uma classe escotista; escreve. 2. — Cidade onde Napoleão travou uma importante batalha; gostar. 3. — Sul-sudoeste; sufixo; composição poética. 4. — Contracção de pronomes; termo beirão; interjeição. 5. — Distintivo de patrulha. 6. — Acolá; cólera. 7. — Alinda. 8. — Aqui; advérbio; escarnece. 9. — Fileira; reza; tempero. 10. — Material usado no tratamento de fracturas; denominação. 11. — Constelação; períodos de tempo.

Verticais: 1. — Rasto; obedeço. 2. — Nome de um antepassado de Cristo; içar. 3. — Oés-noroeste; pronome; acolá. 4. — Caminhe; fábrica; contracção de preposição e artigo. 5. — Abrev. de *escudo*; linha. 6. — Escoteiro da 3.ª classe. 7. — Rim (prov.); jornada. 8. — Letra árabe; utiliza este instrumento escotista; laço. 9. — Gosto; agora; nome de rio. 10. — Membro de uma das divisões das Guias; folhas de planta. 11. — Substância mineral existente nas praias; apelido de um escoteiro-chefe do Grupo n.º 1.



QUADRAS

Ser humilde não é bem
ter de, aos outros, se baixar;
humilde é o trevo, e ninguém
o colhe sem se curvar....

~

Quatro coisas quer o amo
do criado que o serve:
deitar tarde, erguer-se cedo,
comer pouco, andar alegre.

Este nome lembra...

Publicamos, numa coluna, o nome de doze figuras célebres e, noutra, as actividades, descobertas, ideias, factos ou obras que aquelas evocam.

Acontece, contudo, que os nomes dessas figuras foram propositadamente trocados. Saberá o leitor encontrar, para cada uma delas a actividade que lhe corresponde?

1. Ingres	a. cavaleiros andantes
2. Borgias	b. cicuta
3. Fernão Mendes Pinto	c. «Cartas»
4. Champollion	d. avião
5. Sócrates	e. «Cármen»
6. Napoleão	f. T. S. F.
7. Fleming	g. Oriente
8. Marconi	h. violino
9. Cervantes	i. Wagram
10. Bizet	j. hieroglifos
11. Santos Dumond	l. venenos
12. Madame de Sévigné	m. penicilina

As desventuras do Zé Escoteiro

A limpeza do pára-brisas...



A Patrulha decidiu adoptar o sistema *Bob a job*, tão usado pelos escoteiros britânicos, para conseguir os fundos necessários à renovação do material de campo e à participação no acampamento nacional, onde se quer apresentar na máxima força.

Zé Escoteiro foi, por isso, trabalhar, todas as tardes, numa estação de serviço existente próximo de sua casa.

Um dia, um dos clientes habituais trouxe o automóvel e, chamando Zé Escoteiro, disse-lhe:

— Meta gasolina e limpe os vidros. Daqui a uma hora virei buscar o carro.

Quando regressou, mostrou-se muito satisfeito e disse para o Zé Escoteiro:

— Muito bem. Belo trabalho! Não se vê o menor grão de poeira nem o mais pequeno risco no pára-brisas. Tome lá uma gratificação.

E meteu uma moeda de cinco escudos na mão de Zé Escoteiro, que fitava, estupefacto, o proprietário do veículo.

— Sim, senhor — prosseguiu este nos seus elogios. — De tão limpo que está, até dá impressão que o carro não tem vidro à frente!

Replica então Zé Escoteiro:

— Mas é que não tem mesmo. Quando estava a limpar o automóvel, o escadote que eu utilizava para melhor chegar lá acima, resvalou e caímos os dois sobre o pára-brisas que se fez em mil bocadinhos...

ANEDOTA

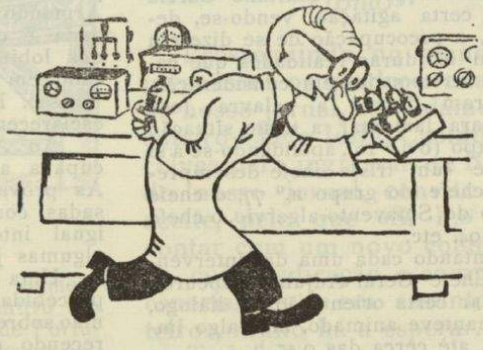
Numa aldeia, dois homens encontram-se no caminho:
— Eh! ti Manel, como vai essa saúde?
— Vai menos mal. E a sua, ti Chico?
— Cá se vai indo. Que lindo porco que leva aí!
— E' bonito, é, sim, senhor.
— Vou a dizer que é o animal mais gordo cá da terra.
— Pois pode estar certo que é mesmo. Pesa mais dez quilos que eu!

SOLUÇÕES

Que sabe de Botânica?

Acertou-se emparceirar as plantas e as famílias a que pertencem da seguinte maneira:

Plantas	*Famílias*
1. Coqueiro	f. Palmeiras
2. Mostardeira	c. Crucíferas
3. Trigo	d. Gramíneas
4. Cafeeiro	h. Rubiáceas
5. Oliveira	b. Oleáceas
6. Figueira	e. Moráceas
7. Anis	a. Umbelíferas
8. Meloeiro	g. Cucurbitáceas



— ONDE DIABO TERIA EU POSTO A OUTRA VÁLVULA?



O Escotismo através do Mundo

Nos Estados Unidos, os escoteiros prestam serviço em momentos difíceis

Violentos tornados devastaram vastas regiões do Estado do Mississipi (E. U. A.), que causaram avultados prejuízos materiais e mais de 50 mortes e centenas de feridos.

A violência do temporal chegou mesmo a causar pânico em diversas cidades, pelo que a polícia entrou em serviço de emergência, para acudir às zonas mais castigadas.

Em Jackson, cidade deste estado, os escoteiros foram chamados para dirigir o trânsito, a fim de que a polícia ficasse livre para proceder aos trabalhos de socorro às vítimas.

Mais uma vez, os escoteiros demonstram o seu espírito de serviço, em obediência ao lema que adoptaram: «Sempre Pronto».

A juventude e o desenvolvimento económico

Durante um almoço dedicado aos Escoteiros da América, realizado num luxuoso hotel norte-americano, o sr. Benson Ford, um dos altos funcionários da Organização Ford, exaltou a importância das camadas juvenis para o desenvolvimento económico dos países. Reconheceu nos jovens capacidade suficiente para promover a renovação dos métodos de vendas e o aparecimento de novos produtos.

«As compras e as preferências dos jovens — disse o sr. Ford — e bem assim a influência que estas exercem na opinião familiar, constituem uma força que se faz sentir na nossa economia. E' curioso comparar o paradoxo entre o poder de compra da classe juvenil e os seus proventos. Aquele vai sempre muito além destes últimos».

Depois de referir que os planos de expansão da Organização Ford estão tomando em conta um aumento crescente do mercado como resultado da concorrência dos jovens compradores, o sr. Ford, falando pròpriamente do Escotismo, declarou: «O Escotismo poderia não ter tornado dirigentes esses jovens, mas ajudou-os seguramente a manter as qualidades de dirigentes que possìvelmente teriam na mocidade».

SERVIÇOS CENTRAIS

Vai ser criado o ramo do escotismo de extensão

O último Boletim Oficial *dá nova redacção aos artigos 16.º e 67.º do Regulamento Geral — I Parte, e edita um novo artigo, o 69.º-A.*

Estes artigos ficam com a seguinte redacção:

Art.º 16.º — Não poderão ser admitidos os indivíduos que sofram de doenças contagiosas, evolutivas ou mentais, podendo, no entanto, ser autorizada a admissão dos que, embora possuidores de defeitos físicos ou outras deficiências, não estejam impossibilitados de praticar o Escotismo com base nas provas que lhes sejam especialmente destinadas.

§ único — Os indivíduos a que se refere a parte final deste artigo só poderão ser inscritos em Grupos especialmente criados para esse efeito ou em Grupos já existentes, desde que a Direcção da Associação reconheça possuírem as condições necessárias.

Art.º 67.º — A Chefia do Grupo é constituída pelo Chefe do Grupo e seus ajudantes, pelos Chefes das Divisões (Alcateia, Tribo e Clã) e seus ajudantes, e pelo Chefe dos Serviços Administrativos.

§ único — As nomeações de Chefes dos Serviços Administrativos e as de Ajudantes, só serão de considerar onde as necessidades de Serviço e o número de filiados o justifiquem

Art.º 69.º A — Ao Chefe dos Serviços Administrativos compete assegurar o bom funcionamento dos serviços de Secretaria e Tesouraria do Grupo.

Verifica-se, pela leitura do artigo 16.º, que se prevê a constituição e funcionamento de grupos do Ramo de Extensão (para deficientes físicos), ou a integração destes em grupos já existentes, mas que reúnam condições para tal.

Conforme publicamos noutro local, já foi pedida a filiação de um grupo para rapazes cegos, o que representa um importante passo para a entrada em funcionamento deste interessante e útil ramo escotista.

PENSAMENTO

É grande perda perder tempo.

GIL VICENTE

HUMILDADE BENDITA

Chamam os médicos lordose, *à curvatura anormal da parte inferior da coluna vertebral. Este nome vem de* lorde, *que na língua inglesa* (lord) *é grande senhor.*

Isto quer dizer, de uma maneira engraçada, que os que neste mundo se julgam grandes se empertigam por vontade, como os que sofrem de lordose se empertigam sem querer.

Coitados dos que sofrem de lordose moral!

E' muito melhor andar naturalmente, com simplicidade e humildade. O mundo zomba dos que se julgam grandes e assim se diminuem. Quem mais vale não é quem mais alardeia.

Eu, caros amiguinhos, convivi com alguns dos maiores homens da nossa terra, e posso-vos dar o testemunho de que eles eram mais simples no seu trato do que muitos que, apesar da sua jactância, são pessoas medianas.

Sejamos nós também humildes, modestos, simples, e Deus nos abençoará.

EDUARDO MOREIRA

(De *«Raio de Sol»*)

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Sumário de actividades

Esta prestimosa associação, que já conta mais de 40 anos de existência, à qual, mais de uma vez, temos rendido o nosso justo louvor, distribuiu um folheto onde resume a sua actividade de 1964 e 1965.

Através da sua leitura, faz-se uma ideia do que tem sido a acção desta Liga, exercida nos domínios da educação, da profilaxia, da sanidade, da assistência social e outros sectores similares.

O trabalho da Liga realiza-se por meio de utilização de quase todos os meios de comunicação, desde a Imprensa, a Rádio, o Cinema até à mesa de conferências, publicação de cartazes e livros e organização de campanhas, etc.

Não permite o pouco espaço de que dispomos enumerar os resultados de todas as iniciativas desta associação. Podemos, contudo, referir que os seus empreendimentos têm feito sentir benéficos resultados não só no Porto, onde ela tem a sede, mas em todo o país.

Desejamos a esta simpática colectividade uma longa vida e uma actividade, se possível, ainda mais fecunda para bem de todos os portugueses.

Últimos opúsculos publicados

A EDUCAÇÃO DO GOSTO LITERÁRIO COMO PROBLEMA SOCIAL PORTUGUÊS — Conferência realizada pelo dr. Óscar Lopes. Aborda momentosos problemas relacionados com a educação literária, com o fim de não só se conseguir a maior divulgação do livro e, consequentemente, da leitura, mas também da elevação do nível cultural desta. Sugere meios para promover a edição de obras de baixo custo, a fim de as tornar acessíveis às classes mais modestas.

CONSELHOS AOS DIABÉTICOS — Pelo dr. Ernesto Roma. Meticuloso estudo sobre o valor nutritivo e a constituição dos alimentos. Dá a conhecer o que é a diabetes e os meios de se combater esta perigosa doença. Trabalho de interesse não só aos diabéticos mas também para todas as pessoas que queiram documentar-se acerca do que deve ser uma alimentação equilibrada e, portanto, salutar.

A VIDA NÃO É SÓ O DIA DE HOJE — Outra conferência, desta vez proferida pelo sr. Rolando Monteiro Ferreira. Trata-se de um bem elaborado estudo sobre os princípios e objectivos do seguro de vida, feito através de exposição muito clara, servida por argumentação lógica e convincente.

ASPECTOS SOCIAIS DA POLÍCIA CIENTÍFICA — Também uma conferência, realizada pelo dr. Alberto Ralha. Este volume dá a conhecer a acção da Polícia Judiciária, através dos serviços do seu Laboratório Científico, na repressão das actividades criminosas. Descreve os processos utilizados para se descobrir a viciação de documentos, a sua reconstituição ou o cálculo da sua idade, bem como a descoberta e análise de materiais e de outros indícios que sirvam de orientação aos investigadores.

SEMPRE PRONTO

Número 251

Março de 1966

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

A vida maravilhosa de Alberto Schweitzer (VI)

O «Grande Doutor» volta para o Gabão

Corrigindo o que dissemos no último número, foi no dia 14 de Fevereiro de 1924 que Schweitzer deixou Estrasburgo a caminho de A'frica. Conta ele que, por ocasião do embarque em Bordéus, o funcionário da alfândega ficou admirado do viajante se fazer acompanhar de quatro grandes sacos cheios de cartas não respondidas, a que ele tencionava dar expediente durante a viagem, nesse tempo bastante morosa. Após a guerra, não era permitido sair de França com quantia superior a 5 000 francos e o funcionário suspeitou que tão grande quantidade de correspondência servisse para ocultar notas do banco. Durante hora e meia o zeloso homem esteve inspeccionando carta por carta até que, ao fim do segundo saco, deu a tarefa por concluída, desistindo do exame.

Em 19 de Abril, o cargueiro holandês «Orestes» chegou ao porto de desembarque e o missionário alcançou Lambaréné. Do hospital, restava apenas um barração de folha-de-flandres e o esqueleto de madeira de uma das cabanas de bambu. Todas as outras construções tinham apodrecido e desabado, enquanto o capim e as plantas rasteiras tudo enleavam e cobriam. O caminho que conduzia à moradia só a muito custo foi descoberto. Foi preciso recomeçar. Só um homem de fé extraordinária, daqueles que a possuem sem perorarem sobre ela, seria capaz de realizar tão grande tarefa. Novamente se levantaram pavilhões e se construíram habitações. O notável filósofo, músico excepcional, escritor e teólogo, médico e cirurgião, era também hábil carpinteiro, pedreiro, pintor e executava com as suas próprias mãos tudo aquilo que fosse necessário ao hospital.

Conta-se que, em determinada altura, estando Schweitzer, auxiliado por nativos, a transportar vigas de madeira para construção, passou um indígena a quem o missionário solicitou ajuda. Este, porque tinha alguns estudos, empertigou-se e retorquiu que aqueles trabalhos não lhe competiam porque era intelectual. Schweitzer, sem perder tempo, ripostou: *Tem você muita razão! Eu também tentei isso, mas falhei...*

A obra, entretanto, foi crescendo e desenvolvendo-se. Como o número de doentes aumentava constantemente, durante os anos de 1924/25 vieram da Europa dois médicos e duas enfermeiras. No outono de 1925, o hospital encontrava-se razoàvelmente construído e Schweitzer preparava-se para lançar mãos dos seus trabalhos literários, a que dedicava os serões, mas uma grave epidemia de desinteria mostrou a conveniência de fazer transferir o hospital para lugar mais amplo. Seria interessante descrever aqui o que foi a obra de Schweitzer no seu hospital. Mas o espaço não nos permite, pelo que convidamos o leitor interessado a procurar essa extraordinária narração nas biografias que se referem ao assunto.

Em contacto com o sofrimento, levando uma existência junto da natureza pródiga e rica, Schweitzer aprofundou o seu conceito de veneração pela Vida. Ele reconhecia que a lealdade a Deus exigia que o homem respeitasse a Vida em todas as suas manifestações. Não era apenas o dever de socorrer os seres humanos, mas a compaixão deveria ser extensiva aos animais e até às plantas. Era lícito ao lavrador, por necessidade de alimentar o seu gado, colher milhares de plantas, mas outro qualquer não deveria colher uma única para seu prazer pessoal. Todos os animais foram criados por Deus e, portanto, só era válida a destruição de qualquer deles quando isso fosse feito para defender a própria vida. Se destruía os insectos que causavam doenças, protegia toda a sorte de animais selvagens, muitos dos quais livremente viviam na área do hospital.

Novamente a consagração

Um filme — «É meia noite, dr. Schweitzer» — palavras com que tantas vezes procuravam arrancar o médico ao piano, que lhe fora oferecido pela Sociedade de Bach, de Paris, com pedais de órgão e construção capaz de resistir à humidade da região — esse filme, diziamos, despertou finalmente o interesse pela obra do missionário. Schweitzer tinha conseguido manter o hospital com a ajuda de donativos que lhe vinham da Europa e da América, e também com os direitos de autor de livros e estudos, que mesmo em África continuava a escrever em horas de trabalho que se prolongavam pela madrugada. Veio à Europa, entre 1927 e 1939, umas quatro vezes. Deu concertos, gravou discos, fez conferências e, através dessa excepcional actividade, realizou fundos para o hospital. Todo o dinheiro que conseguia era para a obra. Em 1928, a cidade de Francfort conferiu a Schweitzer o prémio instituído em homenagem ao grande poeta Goethe, e que se destinava a galardoar serviços distintos em prol da Humanidade. Pela primeira vez, o missionário se viu na posse de uma importante soma, que iria igualmente empregar no hospital. Mas, antes de a usar, sentiu-se no dever de ganhar outro tanto nas suas actividades artísticas, importância que dedicou a instituições alemãs de protecção às crianças.

A França veio a reparar a injustiça praticada em 1914. Em 1951, o governo francês galardoou-o com o grau de oficial da Legião de Honra. Em 20 de Outubro de 1952, foi recebido na Academia, ocupando a vaga deixada por Pétain. Apesar da chuva que caía nesse dia, a multidão aglomerou-se na rua para ver passar o notável médico missionário e as galerias estavam totalmente ocupadas. Presentes as figuras mais representantivas do pensamento, das ciências e das artes.

Em 1952, foi-lhe atribuído, juntamente com o general Marshall, o Prémio Nobel da Paz, distinção justíssima que alargou ainda mais a fama do homem que fugira à glória para se «afundar» numa terra inóspita.

Os 33 840 dólares do prémio foram totalmente investidos na construção de uma leprosaria para o seu hospital. Agora por toda a parte se falava da sua obra. Einstein considerava-o o maior homem contemporâneo. Os donativos afluíam da Europa e principalmente da América. Também muitas almas paralelas da sua lhe ofereciam os seus serviços. Causou espanto no mundo que uma senhora da alta sociedade de Londres, Olga Deterding, filha do chamado «Rei do Petróleo», com 33 anos de idade e herdeira de uma enorme fortuna, se tivesse apresentado em Lambaréné para servir.

(Continua)

Um dos primeiros escoteiros vive ainda na África do Sul

Um telegrama da Agência Reuter refere que o sr. Henry Hammond, de 78 anos de idade, vive ainda tranquilamente em Mafeking, a célebre cidade onde Baden-Powell teve a sugestão de fundar o movimento escotista.

Este senhor foi um dos três membros que constituíram a patrulha de cadetes, organizada durante o cerco de Mafeking, a qual era utilizada por B.-P. para levar mensagens a postos no exterior, serviços que tão valiosos se mostraram para o bom êxito da campanha contra os Boeres.

Os outros dois membros desta Patrulha, Rentzki e Gates, já faleceram.

O sr. Hammond, referindo-se recentemente ao trabalho desta patrulha, disse: Em Outubro de 1899, o chefe dos correios mandou-nos chamar e colocou-nos no quartel-general de B.-P. Os fios do telefone tinham sido cortados e as autoridades tinham necessidade de mensageiros para se manterem em contacto com os diversos postos exteriores. Recebemos um uniforme com calças brancas, um casaco de caqui e um boné e à medida que os cadetes aumentavam em número cada oficial tinha dois ao seu serviço.